

MUNDOS DO TRABALHO

Publicação eletrônica semestral do GT “Mundos do Trabalho” - ANPUH

Dossiê Biografia e História do Trabalho (I)

Organização
Benito Bisso Schmidt e Aldrin Castellucci



Apoio logístico
UFSC

Janeiro/Junho 2016
Volume 8 - Número 15

Apoio institucional
Programa de Pós-Graduação
em História, Cultura e Práticas
Sociais – UNEB

FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO DO NÚMERO Benito Bisso Schmidt e Aldrin Castellucci

EDITORES DO NÚMERO Aldrin Castellucci e David Lacerda

REVISÃO DE TEXTO 2Designers

PROJETO GRÁFICO Virgínia Loureiro

DIAGRAMAÇÃO 2Designers

COLABORARAM COM ESTE NÚMERO Alexandre Fortes (UFRRJ), Alisson Droppa (Pós-doutorando/UFPEL), Antonio Luigi Negro (UFBA), Benito Schmidt (UFRGS), Isabel Bilhão (Unisinos), Karoline Karula (UERJ), Laila Correa e Silva (Doutoranda/UNICAMP), Natália Garcia Pinto (Doutoranda/UFRGS), Osvaldo Maciel (UFAL), Marcelo Badaró Mattos (UFF), Tiago Bernardon de Oliveira (UFPB), Vinícius Rezende (UFBA), Uassyr de Siqueira (UNIMEP).

Créditos da capa: Intervenção gráfica e digital sobre fotos que se encontram nos autos de processos trabalhistas das décadas de 40 e 50 das cidades de Pelotas e Rio Grande. Projeto Janela da Memória (2006), de Kátia Kneipp (Memorial da Justiça do Trabalho do Rio Grande do Sul).

MUNDOS DO TRABALHO

Publicação eletrônica semestral do GT “Mundos do Trabalho” - ANPUH

GRUPO DE TRABALHO “MUNDOS DO TRABALHO”

(<http://gtmundosdotrabalho.org/>)

Coordenação Nacional

César Augusto Bubolz Queirós

Coordenações Estaduais

Amapá

Adalberto Paz

Amazonas

Davi Avelino Leal

Gláucia de Almeida Campos

Bahia

Vinicius de Rezende

Mato Grosso do Sul

Vitor Wagner Neto de Oliveira

Paraná

Antônio de Pádua Bosi

Rio de Janeiro

Paulo Terra

Heliene Nagasava

Rio Grande do Sul

Micaele Scheer

Fernando Cauduro Pureza

Santa Catarina

Adriano Luiz Duarte

São Paulo

Dainis Karepovs



Apoio logístico
Programa de Pós-graduação
em História da UFSC

Janeiro/Junho 2016
Volume 8 - Número 15



Apoio institucional
Programa de Pós-Graduação em História,
Cultura e Práticas Sociais - UNEB

EQUIPE EDITORIAL

EDITORES

Adalberto Paz

Universidade Federal do Amapá, Brasil

Aldrin Castellucci

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

David Lacerda

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Lara de Castro

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Laura Candian Fraccaro

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Nauber Gavski da Silva

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Fortes

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Luigi Negro

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Barbara Weinstein

New York University, Estados Unidos da América do Norte

Beatriz Ana Loner

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Beatriz Mamigonian

Universidade Federal de Santa Catarina

Claudio Henrique de Moraes Batalha

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Dick Geary

Nottingham University, Reino Unido

Flavio dos Santos Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Henrique Espada Lima

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

John D. French

Duke Universtiy, Estados Unidos da América do Norte

José Ricardo G. P. Ramalho

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

José Sérgio Leite Lopes

Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Juan Suriano

Marcel Van Der Linden

International Institute of Social History, Holanda

Marcelo Badaró Mattos

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Marco Aurélio Santana

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Célia P. M. Paoli

Universidade de São Paulo, Brasil

Michael Mcdonald Hall

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Michel Ralle

Université Paris-Sorbonne, França

Mirta Zaida Lobato

Universidad de Buenos Aires, Argentina

Norberto Osvaldo Ferreras

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Prabhu Mohapatra

University of Delhi

Sidney Chalhoub

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Vitor Wagner Neto de Oliveira

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Brasil

GERENTE

Henrique Espada Lima

A título de apresentação: biografia e história do trabalho

Aldrin Castellucci*

Benito Bisso Schmidt**

5

Pode parecer paradoxal o interesse pela biografia em um âmbito da historiografia, a história do trabalho, que se funda e se legitima no coletivo: como pensar o “eu” a partir de uma perspectiva que se interessa, sobretudo, pelas classes, pelos grupos, pelas organizações, pelo “nós”?¹ Porém, nos últimos anos, muitos(as) historiadores(as), sociólogos(as), antropólogos(as), cientistas políticos(as) e mesmo militantes têm voltado a sua atenção para as trajetórias de vida de trabalhadores e trabalhadoras, livres ou escravizados, ou de indivíduos a eles(as) relacionados, como patrões, lideranças políticas, advogados e juízes. Esse interesse se manifesta na publicação de memórias, biografias e dicionários biográficos. Assim, aquelas pessoas que tradicionalmente se diluíam nas motivações estruturais e nos sujeitos coletivos (a escravaria, o quilombo, a classe, o sindicato, o partido, a greve...) ganharam nomes, rostos e personalidades, ao terem suas vidas pesquisadas, narradas e divulgadas.

Já nos primeiros escritos que pretenderam construir no Brasil a história do trabalho em seu sentido mais tradicional, focada na organização e nas lutas do movimento operário, de autoria dos próprios militantes e tendo como suporte as páginas dos jornais socialistas e anarquistas, é possível encontrar fragmentos biográficos e autobiográficos: elegias fúnebres, saudações aos mártires, evocações memorialísticas etc. Naquele momento, final do século XIX e início do XX, quando a organização dos trabalhadores apenas principiava, era importante apresentar aos “companheiros menos instruídos” exemplos de abnegação e dedicação à causa do proletariado.

Posteriormente, sobretudo a partir da década de 1960, a história do trabalho, ainda no seu sentido tradicional, passou a despertar o interesse dos cientistas sociais. Partindo de um modelo europeu muitas vezes idealizado, a nossa classe operária foi considerada como “débil” e “incompleta”, seja em virtude da predominância do artesanato sobre a grande indústria (na Primeira República), seja em função da repressão estatal e da origem rural do proletariado nacional (no pós-1930). Queremos dizer com isso que, naquele momento, o interesse de sociólogos

* Doutor em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do curso de graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: acastellucci@uneb.br.

** Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa – CNPq. E-mail: bbissos@yahoo.com.

1 Essa reflexão foi levantada anteriormente por BATALHA, Claudio. “A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências”. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto/USF, 1998, p.157.

e historiadores pelo movimento operário ia a reboque de outras questões mais amplas, como os obstáculos para a realização do capitalismo no país, a questão da dependência e os percalços do processo de industrialização. Em tais estudos, predominava um enfoque macro-orientado que, obviamente, deixava de lado as vivências individuais dos militantes e trabalhadores “comuns”, priorizando, ao contrário, as determinações estruturais e o movimento dos sujeitos coletivos.

Nos anos finais da década de 1980, acompanhando o movimento de re-democratização do país e a emergência dos chamados novos movimentos sociais, entre eles o novo sindicalismo, verificou-se um crescente interesse pelas trajetórias de vida dos militantes operários. A crise mais geral dos grandes paradigmas explicativos – marxistas e funcionalistas – levou os(as) historiadores(as) e cientistas sociais a se interessarem pelas estratégias quotidianas, pelos espaços intersticiais de liberdade e de criação e pelas ações informais de resistência, movimento que respondia à anterior ênfase excessiva nas determinações estruturais, nas regularidades quantitativas, na temporalidade da longa duração. Uma nova história social, especialmente atenta às práticas e representações individuais, emergiu na historiografia brasileira, muito influenciada pela nova história francesa, pelo novo marxismo inglês, pela micro-história italiana, entre outras correntes. No âmbito mais específico do trabalho, foram os historiadores marxistas britânicos, Thompson em especial, que inspiraram tal renovação. Esse historiador, em seu clássico *A formação da classe operária inglesa*, originalmente publicado em 1963, mostrou, em formulação célebre, a importância das ações individuais no “fazer-se” da classe, entendido como um “(...) processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos”². Thompson, ele mesmo autor de biografias de William Blake e William Morris,³ de certa forma abriu caminho para a revalorização dos estudos biográficos na historiografia do trabalho.

Nos anos 1990, articulado com o movimento de renovação historiográfica, diversos(as) autores(as) se posicionaram pelo rompimento de fronteiras entre a chamada história do trabalho (em geral centrada nos trabalhadores homens, brancos, heterossexuais e vinculados a atividades urbanas, especialmente fabris) e a história da escravidão e da experiência negra no Brasil. Nesse projeto, estudos de caráter biográfico foram significativos, já que as vidas dos indivíduos não se restringem aos compartimentos tradicionais da história política como 1888, 1889, 1930, 1964 e 1985. Seguir as existências de homens e mulheres que cruzaram esses marcos nos permite acompanhar as continuidades e descontinuidades entre eles, examinar as heranças preservadas e perceber as reconfigurações que se fizeram necessárias. Como ressalta a historiadora Sabina Loriga, referindo-se às potencialidades do gênero biográfico no campo do conhecimento histórico,

Só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais: penso nas inércias e na ineficácia normativas, mas também nas incoerências que existem entre as diferentes normas, e na maneira pela qual os indivíduos, “façam” eles ou não a história, moldam e modificam as relações de poder.⁴

2 THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v.1, p.9.

3 THOMPSON, E. P. *William Morris: romantic to revolutionary*. Nova York: Pantheon Books, 1977 e *Witness against the Beast: William Blake and the Moral Law*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

4 LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p.247 e 249.

Quando lançamos a chamada para este dossiê, não esperávamos que a resposta seria tão positiva. A oferta de ótimos artigos mostra que a biografia é sim uma entrada privilegiada para a compreensão da complexidade e diversidade do mundo do trabalho. Tendo em vista esta demanda tão qualificada, o dossiê ocupará este e o próximo número da revista. Desejamos que os(as) leitores(as) apreciem as aventuras e desventuras dos/as personagens que habitam as páginas que seguem.

O presente dossiê é composto por seis artigos. No primeiro, Alexandre Fortes e Flavia Ribeiro Veras analisam a trajetória de José Luiz Rodrigues Calazans (1896-1977), o Jararaca, artista alagoano que se destacou como um dos pioneiros da música sertaneja, mas que transitou com facilidade por outros gêneros musicais, tendo sido um dos autores da famosa marchinha carnavalesca *Mamãe eu quero*. A pesquisa de Fortes e Veras mostra que Jararaca não era pessoa redutível a visões simplificadoras. Além dos diferentes trânsitos musicais e diversos contatos e parcerias artísticas – inclusive com Tom Jobim, seu arco de amizades incluía o célebre cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Jararaca era admirador de Luiz Carlos Prestes e nos anos 1940 integrou o Partido Comunista do Brasil (PCB), chegando a ser lançado candidato a vereador por essa organização no Rio de Janeiro em 1943. Além disso, ele se engajou diretamente nas lutas antifascistas e de apoio à Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial. A reconstituição da trajetória de Jararaca é um bom exemplo das possibilidades de pesquisa sobre as relações entre arte e política no âmbito da história do trabalho.

7

Elaine Pereira Rocha reconstitui a vida, as ideias e os desafios enfrentados pela professora Leolinda de Figueiredo Daltro (1858-1935) no Rio de Janeiro da Primeira República. Baiana de nascimento, Leolinda legou escritos autobiográficos e ganhou destaque na imprensa carioca e paulista ao se envolver nos debates políticos e filosóficos positivistas acerca de temas como as relações entre educação das camadas populares e modernização da nação, a “civilização” e o lugar dos índios na sociedade brasileira, e sobre a condição feminina e as possibilidades de inserção no mercado de trabalho para as mulheres exercendo o ofício do magistério. Sua atuação em torno dessas causas valeram-lhe críticas e elogios dos mais diversos tipos, dimensão que a autora explorou em seu artigo. Leolinda de Figueiredo Daltro tomou parte na fundação do Partido Republicano Feminista em 1910 e editou ao menos três jornais: *A Verdade* (1902), *A Política* (1910) e *A Tribuna Feminina* (1916), fatos que ela acionou para a construção uma memória que a associava ao pioneirismo do movimento feminista no país. Ao mesmo tempo, alegava uma ascendência e uma identidade indígena, mobilizadas para justificar seu projeto de “civilização” dos povos nativos que viviam em Goiás por meio da educação. Um dos aspectos que mais chamam a atenção na trajetória da personagem são as dificuldades enfrentadas – especialmente as que se relacionavam à questão de gênero - e os esforços empreendidos para o exercício do magistério, crescentemente desvalorizado no país em seu tempo e nos dias que correm.

César Augusto Bubolz Queirós refaz a trajetória política de Plínio Ramos Coelho, poeta, professor da Faculdade de Ciências Econômicas e da Faculdade de Direito do Amazonas, advogado dos sindicatos de trabalhadores marítimos, gráficos e portuários, editor do jornal *O Trabalhista*. Sua carreira política começa em 1947 com a eleição para uma cadeira de deputado estadual constituinte pelo PTB. Em 1950 elegeu-se deputado federal, sendo um dos propositores do Projeto de Lei nº 3.310-A, que criava o porto franco em Manaus. Em outubro de 1954, ele se elegeu governa-

dor do estado do Amazonas, também pelo PTB, impondo uma grande derrota a Rui Araújo, candidato da coligação capitaneada por Álvaro Maia, formada pela UDN, PSD, PDC e PTN. No governo, Plínio Coelho se manteve próximo das lideranças sindicais, combateu os desvios da administração anterior e desenvolveu políticas industrializantes. Essas medidas lhe valeram a oposição imediata e decidida dos setores ligados aos interesses agrários, fazendo-o perder apoio na Assembleia Legislativa. O autor conecta essa crise no primeiro governo de Plínio Coelho à sua deposição por ocasião do golpe de 1964. É que em 1962 ele havia sido eleito para mais um mandato de governador, mas sua administração foi minada pelas profundas dificuldades financeiras do estado e pelas divisões internas na coligação que o apoiara. Em 1964 ele foi cassado, mesmo depois de ter apoiado os militares que depuseram João Goulart, seu antigo companheiro de partido.

Maria do Socorro de Abreu e Lima e Luiz Anastácio Momesso recompõem a conturbada atuação de Edvaldo Ratis, militante do PCB, editor do jornal *O Gráfico* e destacado dirigente do Sindicato dos Gráficos no Recife no intervalo entre 1945 e 1964. Os autores analisaram as lutas nas quais Ratis se envolveu e as consequências de sua atuação, marcada por prisões arbitrárias e torturas nos cárceres da polícia política brasileira. Além disso, reestabeleceram as conexões históricas entre a trajetória desse militante e as de outros que o precederam no tempo ou que foram seus contemporâneos, especialmente aqueles que atuaram no complexo mundo formado pelos gráficos e jornalistas engajados nas lutas operárias.

O artigo de Matheus Cardoso da Silva refaz o percurso de Victor Gollancz (1893-1967), importante editor e ativista britânico que apostou alto no projeto de “educação política” da classe trabalhadora. Sua atuação como livreiro teve início no final da Primeira Guerra Mundial, ganhando destaque no final dos anos 1920 e na década 1930, quando fundaria o *Left Book Club* em Londres e mais de 1.500 seções dessa agremiação na Inglaterra. Ao mesmo tempo, ele se engajaria de modo decidido nas atividades políticas da *Frente Popular*, em 1935. A partir de então, esse militante se envolveria em campanhas pacifistas, contra a pena de morte e de ajuda humanitária, inclusive em favor das vítimas da Guerra Civil na Espanha (1936-1939). Além disso, Victor Gollancz apoiou as lutas de independência da Índia e de outras colônias britânicas.

O dossiê é fechado com um artigo de Carlos Fernando de Quadros sobre a juventude e a formação intelectual e política de Jacob Gorender, filho de imigrantes judeus pobres do antigo Império Russo que nasceu e viveu em Salvador entre os anos 1923 e 1943. Como destacou o autor, os dois períodos mais conhecidos da vida de Gorender são o de sua militância no PCB e no PCBR, nos anos 1950 e 1960, e o da produção historiográfica da década de 1970. Quadros optou por explorar a fase que recebeu menos atenção na trajetória de Gorender, inclusive seus estudos secundários e sua passagem pela Faculdade de Direito da Bahia, além da atividade jornalística em *O Imparcial*.

Este número traz, ainda, dois textos na seção de artigos. No primeiro caso temos a pesquisa de Graciela Queirolo, que descortina as desigualdades de gênero produzidas a partir do ensino profissional por correspondência em Buenos Aires na primeira metade do século XX. O segundo artigo é de Tyrone Apollo Pontes Cândido, cuja pesquisa buscou compreender e definir o trabalho forçado realizado pelos retirantes das secas no Ceará na virada do século XIX para o XX. Finalmente, na última seção, há uma resenha escrita por Dainis Karepovs sobre o livro *The Communist International and US Communism, 1919 – 1929*, de autoria de Jacob Zumoff.

Boa leitura!